

Capítulo I

Outono de 1913

Em uma fazenda velha no oeste da Áustria-Hungria, em uma vila que já não sei mais se existe, éramos cinco. Mészáros Gábor, meu pai, cedo começara nossa família com mamãe, Adela. Meu irmão mais velho, Jákob, nasceu quando eles ainda não tinham vinte anos de idade. Jákob era, provavelmente, o mais esforçado de nós; trabalhava como dois, e quando o inverno chegava não deixava que eu e nossa irmã fizéssemos muitas coisas, embora todos foram ensinados a ajudar desde cedo. Mária, a propósito, era a esperança da família.

Naquela época, nós e todos da região próxima estávamos beirando à miséria. Era como se alguma maldição pairasse sobre o lugar, pois nem os animais ou plantações pareciam ajudar, contrariando a ordem orgânica da natureza. Hoje, conhecendo as coisas mais próximas de maldições, sei que aquilo foi apenas uma irônica má-sorte. Se for pesquisar, verá que todo o resto do país estava em crescimento, inclusive de forma mais estável que nações como a França ou até mesmo Inglaterra.

Como ia dizendo, Mária era nossa esperança. Ela já nasceu bela, com finas mechas de cabelo loiro na cabeça rosada, e olhos que pareciam ser feitos de amor,

se isso faz algum sentido. Não falávamos diretamente, mas todos pensávamos que ela se casaria com alguém bom que nos tiraria dali. Talvez Jákob não pensasse nisso, mas ele também era proficiente em esperar o melhor de tudo, só se via preocupação em seu rosto quando seu esforço – raramente – falhava.

Nossa divisão costumava ser a seguinte: Jákob trazia lenha para papai cortar (depois de um acidente com um de nossos cavalos sua coluna nunca foi a mesma, e nós podíamos ver nele a culpa de alguém que não devia carregá-la), além de viajar para as cidades próximas com nossos produtos para vendê-los ou trocá-los; Mamãe cuidava de nosso chiqueiro e da nossa casa, Mária cuidava dos outros animais e de algumas plantações, e eu... eu fazia um pouco de tudo, onde precisassem de mim. Às vezes buscava água no poço local com nossa única bicicleta, às vezes caçava com meu pai ou meu irmão. Eu era decente nisso, mas, por mais que fôssemos da classe que precisa se esforçar ao máximo para ter o mínimo, todos insistiam para que eu estivesse acompanhada de um homem durante a caça, principalmente por haverem armas envolvidas.

Não tínhamos muito tempo livre. Geralmente o que sobrava eram as curtas horas entre a organização da janta e o momento de se recolher. Nessas horas eu aproveitava para estudar qualquer coisa que meu irmão trazia da cidade. Normalmente eram propagandas de diversos produtos que “prometiam revolucionar”, ou panfletos religiosos refletindo nossos costumes caseiros.

Tínhamos um pequeno altar de madeira em casa, porém há tempos ele era esquecido...

Aquela noite fora pacata. Mamãe fez uma sopa naquelas largas panelas comuns às matronas de famílias grandes, que duraria por muitos dias, ficando melhor com o passar do tempo. Ninguém podia deixar de notar que, nos últimos meses, todas suas receitas usavam água demais, carne de menos, e todos nós chegávamos na metade do dia com fome. Não pedíamos mais que aquilo nem reclamávamos, pois, com cada um trabalhando para a família, sabíamos muito bem a situação que nos encontrávamos. Eu iria dormir cedo, para reservar o resto de energia para o dia seguinte, mas algo me mantinha acordada na cama. Eu e Jákob compartilhávamos um quarto, sendo os mais velhos dos três, e Mária tinha o seu próprio. Por mais afortunada que nossa irmã fosse, não era preferência; ela não havia sido “planejada”, e na casa não cabia lugar para mais um. O quarto dela acabou sendo o mais deslocado do lar, porque o pai teve que construir do zero com sua vinda. Até que eu e meu irmão gostávamos de compartilhar, nos permitia ficar acordados até mais tarde conversando sobre o que ele vira, por onde passara. Talvez era isso que me manteve acordada, sozinha naquele quarto duplo. Eu conscientemente, tentava dormir, mas inconscientemente ainda queria ouvir uma de suas experiências do que para mim era desconhecido.

Minha espera involuntária dera resultados. Perto da uma da manhã Jákob finalmente recolheu-se para dormir.

Pelo cheiro com que chegara, chutei que tivesse ficado acordado para pescar o que seria uma futura refeição, e não quis perguntar. Ninguém queria que ele trabalhasse a mais, mas nosso silêncio agradecido informava o sentimento de que sabíamos que estava sendo necessário.

Ele tirou seu casacão, acendeu uma vela em sua cabeceira, e foi direto para as cobertas, sem nem pôr seu pijama. Mesmo nessa pressa tinha um sorriso no seu rosto.

- O que foi? - perguntei.

- Achei que quisesse ouvir sobre hoje. Havia uma feira na cidade.

Imediatamente sentei-me como uma aluna atenta.

- Não acredito. Por que você não falou antes? Não chegou tão tarde em casa!

- Ah, eu não queria que a mãe soubesse e dissesse que eu deveria ter aproveitado mais. Não queria me sentir culpado por não gastar um dinheiro que era pra ser de todos nós. Mas... Não uma feira qualquer, sabe? - retomou, sem aquela seriedade comum a ele. - Tinha palhaços, vendedores ambulantes oferecendo comidas que eu nunca havia visto antes, e em algum lugar eu conseguia até ouvir uma banda.

Por um breve instante pude ver uma expressão séria em seu rosto, que ele tentou esconder.

- Hoje não consegui vender tanto, talvez justamente por causa da feira. Ninguém estava prestando atenção em outra coisa. Eu não os culpo, estava muito divertido. De início parecia que iria chover, o tempo lá estava tão carregado quanto aqui, mas foi tão incrível que até o céu pareceu ter colaborado. Olhe, trouxe para você.

Nisso ele enfiou a mão dentro da camisa velha e puxou um panfleto sanfonado, praticamente só imagens com títulos extravagantes.

- Estavam distribuindo, é sobre a trupe.

Atravessei o quarto o mais silenciosamente possível e me sentei no chão, no lado de sua cama, consumindo cada centímetro daquela propaganda colorida.

- Veja - disse, apontando para um desenho cômico de um homem feliz com rosto pintado e uma trombeta na mão. - Esse era o palhaço principal. Tinham vários outros, mas só ele tinha nome. Ele fazia esse grande espetáculo para chamar atenção e mostrar que logo iria tocar alguma música, e quando finalmente levava a trombeta à boca, espirrava água em todo mundo. Eu não o achei muito engraçado, não, mas a reação de algumas madames ao vestido cheio de nada além de água fez com que eu tivesse que me segurar naquela multidão. Olha esse! - disse, apontando para um homem que parecia vestir roupas de praia, de tão curtas. Em qualquer outra situação aquilo seria visto como impróprio, mas o circo também traz permissões com sua trupe. Eu mesma me segurei para

não corar vendo o desenho, mas Jákob ficava tão animado contando suas experiências que não notou. – Irmã, eu não minto quanto digo que nunca vi alguém mais forte! Ele desfilava por aí segurando com uma facilidade incrível vigas iguais às de algumas tendas, eu não faço ideia do quanto aquilo deve pesar. Ele sempre estava acompanhado de admiradores, de mocinhas a crianças, e toda vez que alguém duvidava de sua capacidade física ele pegava uma dessas mocinhas em cada braço, e elas riam sem parar.

Ele quase parecia uma criança novamente, gargalhando livremente desse jeito. Imaginando a cena, nós dois rimos juntos por um bom tempo. Era isso que eu gostava nesses momentos. Com a descrição dele e meus devaneios, eu conseguia quase viver o que ele contava. Porém, algo naquela última descrição havia me causado um incômodo consciente, e levei uns instantes para me dar conta do que era.

- E você, Jákob? Nessa ida não conheceu nenhuma mocinha?

- Ah, Mina...

- Não comece com “ah, Mina”. Você é um jovem de vinte e três anos. É de boa família, embora estejamos em maus bocados. É trabalhador. E ei, posso ter exagerado nas vezes que te chamava de feio, uma moça com baixos padrões não vai se importar com isso, hein? - Tentei com isso tirar um novo riso dele, mas aquilo parecia ser

realmente um assunto delicado, e logo percebi que falhei na tentativa.

- Não é nada disso. Mina. Você já pensou no que aconteceria depois que eu me casasse? Se essa futura esposa vier morar com a gente? Uma boca mais para alimentar, duas. Se eu tiver que trabalhar fora, vai ser mais trabalho daqui pra vocês, e eu não posso fazer isso com minha família por algum egoísmo.

Eu quase me arrependi de ter perguntado. Nunca havia visto ele daquele jeito, como se o futuro não fosse algo palpável, como se a qualquer momento a família inteira fosse sumir porque ele não segurou as pontas do jeito certo. Só insisti na conversa porque queria tirar aquela noção dele, de que de algum jeito ele era responsável por todos nós.

- Mas irmão, não é egoísmo, é a vida. Não faz parte do nosso progresso natural?

- Pode até ser. Mas prefiro cuidar do que tenho agora, em vez de me preocupar com algo que ainda não existe.

- Tenho uma ideia então. O que você acha de, assim que Mária se casar, procurar essa parte da sua vida? Se o que mamãe quer der certo, ela vai ficar mais que bem, nos trazer estabilidade, e, do jeito grosseiro que você diz, ser “uma boca a menos para alimentar.”

Não consegui ler o silêncio dele depois disso, mas senti que não havia ainda vencido aquela noção de cruel heroísmo.

- Você é o orgulho da família, Jákob. Não se preocupe de não estar fazendo o suficiente.

Apagando a vela, ele disse simplesmente:

- Vá dormir, Hermina.

Na manhã seguinte mal havia terminado minhas preces e já podia sentir meus pensamentos voltando para a culpa de ter feito algo errado, de que tinha machucado meu irmão. Não sabia o que fazer para me desculpar, meu pequeno repertório estava ainda mais limitado por nossas condições. Antes, eu poderia ter feito seu bolo favorito, comprado um bom livro, ou até costurado uma camisa novinha. Sem essas coisas eu me sentia desarmada. Um simples "me perdoe" parecia pouco demais. Havia uma nova ideia no fundo de minha mente, mas parte de mim achava que podia soar egoísta, e não há nada pior que um pedido de desculpas egoísta.

Acordei cedo, e mesmo assim a outra cama do quarto já estava vazia. Passei pela casa como se houvéssemos empregado um furacão organizado: preparei um café para nós cinco, recolhi os ovos no chiqueiro deixando-os na bancada da cozinha caso a mãe logo fosse usá-los, troquei todas as camas enquanto eles estavam fora, e descamei os peixes que Jákob havia

trazido ontem. Tudo isso antes das oito. Mamãe entrou na cozinha despreocupada, como qualquer manhã, e me diverti ao ver que praticamente levou um susto com a situação. Grisalha aos quarenta e dois anos, sempre com roupas cinzas por baixo do avental sujo e com rugas mais drásticas do que merecia, Adela sempre foi a visão da seriedade. Eu apreciava esses momentos de incomum jocosidade quando os conseguia.

- Ora, Mina. De onde veio tudo isso? Por acaso já é o aniversário de seu pai, já estamos em novembro?

- Não, mãe, ainda falta tempo. É só que... notei Jákob chateado ontem. Eu pensei que, se adiantasse trabalho suficiente, poderia acompanhá-lo na cidade hoje. O que você acha?

- Bem - começou ela, alisando o avental que seria impossível desamassar deste modo -, nós andamos sempre tão ocupados. Não pensei que aquele menino pudesse precisar de companhia. É o mais próximo de uma verdadeira folga que podemos dar pra ele. Você realmente tirou muita tarefa de minhas mãos, acho que mal não vai fazer. Vou separar mais algumas coisas para levarem, para não perder sua mão-de-obra. Me dê dez minutos, querida.

Quase ao mesmo tempo que Adela saiu, Mária entrou, trazendo consigo três baldes para encher para as ovelhas.

- Quer ajuda? - perguntei, quase automaticamente.

- Não, não, está tudo bem. Eu dou conta.

Dirigiu-se aos restos da comida de ontem que a mãe tinha separado para esse propósito, mas ainda com intuito de conversar.

- Algum plano para o dia, Mina?

- Vou acompanhar Jákob à cidade, a mãe vai separar carga extra para a gente levar.

- Que bom! Acho que uma mudança de ares vai fazer-lhe bem, irmã, acho que faria a todos nós.

Nem sempre pelo que ela dizia, mas pelo porte que tinha quando falava sério, ela às vezes parecia ser a mais velha dos três, em vez do contrário. Bela assim e sábia, ela realmente se tornaria uma boa esposa.

- Espero um dia poder ir junto também. Sabe, não entendo como mamãe e papai esperem que eu me case logo se nunca saímos, nunca interagimos com ninguém. E não estou reclamando, entendo o motivo, mas...

Nesse simples momento da manhã, vi que ela sentia um peso sobre si, que eles talvez também não tivessem notado.

- Você não quer ser a única coisa em que a família depende.

Ela largou o balde e baixou a cabeça, de costas pra mim. Não precisava vê-la para saber que estava

segurando o choro. Abracei-a por trás, e novamente quis poder corrigir algo por um irmão.

Embora não quisesse externalizar para não trazer mais preocupação para nossos pais, odiava com toda minha vitalidade nossa situação. Sei que não estava sozinha e que cada um de nós também odiava e queria que não fosse o caso, mas eu me sentia num limbo, como se, por mais estúpido que seja, tivesse o maior direito de me sentir daquele jeito. Meu irmão trabalhava ao máximo para nosso mínimo conforto, e se tudo desse certo, poderia ser o novo “chefe da família”, e seria muito bom nisso. Minha irmã, embora não nutrisse nenhum ressentimento por nós, tem a chance de nos salvar financeiramente casando bem. O que restava para mim? Eu odiava me pegar pensando nessas coisas, mas realmente sentia elas.

Quando soltei Mária, já não haviam mais lágrimas em seu rosto, apenas aquele sorriso familiar.

Mamãe logo voltou, se aproximando com passos pesados carregando dois pacotes de tecido fechados com barbante.

- Aqui, querida. Tenha cuidado para não quebrar, vou incluir mais alguns ovos dos que você trouxe para vender. Não me olhe assim, não vamos dar falta.

Peguei os pacotes de suas frágeis mãos e estava pronta para já sair, quando ela pareceu me ver por completo pela primeira vez. Eu não estava usando nada

demaís, na minha cabeça, apenas o vestido de linho de sempre, que vestia para fazer as tarefas da casa. Todos nós tínhamos roupas arrumadas, mas elas quase nunca viam a luz do dia.

- Não, não. Não pode ir para a cidade assim. Veja se arranja outra roupa e deixe que vou pentear seu cabelo. Desse jeito vão achar que queremos caridade e não vão ter interesse algum em comprar nossas coisas.

- Mas, mãe, não está rasgado nem nada.

- Não quero saber. Pegue aquele vestido verde bonito, que lhe fiz de aniversário. Você fica tão bonita nele.

Não pude seguir debatendo, Mária pegou-me pela mão e me levou para o andar de cima.

- Não fique assim. Quando ela insiste ela quer seu bem. Quem sabe até planeja casar você primeiro, hein? O que pensaria disso?

A pergunta era retórica, mas plantou a dúvida em minha mente. O que eu pensaria disso? Eu gostava da nossa rotina, por mais trabalhosa que fosse. Era a incerteza que me assombrava. Casamento poderia me tirar dali, mas isso seria algo bom? Eu gostaria de qualquer um?

Quando chegamos ao nosso quarto, Mária tomou o controle, quase prevendo que eu precisava disso. Fiquei observando enquanto ela, cantarolando, abria meu armário e pegava o tal vestido verde, um laço de fita para

meu cabelo, e um chapéu para levar na carroça caso o tempo clareasse. Voltou-se a mim dizendo para me ajudar a trocar de roupa, e nesse momento vi em primeira pessoa que mãe boa ela seria. Ela merecia um futuro diferente do nosso presente. Todos mereciam.

Lembro de não conseguirmos encontrar minha escova de cabelos. Ela atravessou a casa para buscar a sua, e fez o que mamãe havia prometido minutos antes, meus fios pretos se misturando nos loiros enroscados na escova da moça.

Naquela manhã eu fui atrás de mostrar ao meu irmão que estava tudo bem, mas acabei recebendo o mesmo efeito. Na simplicidade do ato de ter o cabelo escovado por alguém querido, a luz do sol suavemente aquecendo nossas faces e vendo nós duas refletidas no espelho, eu me senti amada.

Talvez mamãe tivesse entendido que Mária cuidaria de mim, pois quando descemos novamente ela não estava mais na cozinha. Minha irmã me acompanhou até a porta, entregou-me os pacotes e me olhou com um certo orgulho, novamente carregando o ar de irmã mais velha em meu lugar.

- Boa viagem. Se terminarem antes de escurecer, tentem se divertir também. Não se preocupem conosco hoje.

Não nos despedimos além disso, corri ao máximo que os frágeis pacotes permitiam para alcançar a carroça que Jákob já estava preparando. De costas para mim, só percebeu que estava acompanhado quando as folhas secas do outono me delataram.

- Mina. Esqueci de algo em casa?

- Eu achei que seria bom se acompanhasse você hoje. Se não se importar, claro. Me senti mal por ontem à noite e pensei que talvez a companhia pudesse compensar alguma coisa.

Com isso ele abriu aquele largo sorriso que me contava que já estava tudo bem. Um peso saiu de meus ombros.

- Não se preocupe com isso. Eu que fui grosso com você. Demorei para dormir depois da nossa conversa e não tardei a ver que só queria o melhor pra mim. Olha, está tudo bem, de verdade, mas se ainda quiser me acompanhar, ficaria muito feliz.

Fixei os novos pacotes com ovos com uma fivela na nossa carroça, e subi antes que ele pudesse me oferecer ajuda. Terminou de conferir nossas mulinhas e logo me acompanhou no assento. Enquanto ele nos conduzia até a cidade, não pôde evitar o óbvio:

- Você está tão arrumada. Sabe que, embora haja diferença entre lá e aqui, não é grande coisa, né?

- Diga isso para mamãe. Por mim eu usaria meu vestido de sempre, hoje.

- Ela que te arrumou, então? Vai ver, quer aproveitar a viagem para mandar-lhe embora – disse, rindo.

- O que há de tão engraçado? Minhas mãos estão calejadas demais para um anel?

- Ah, Mina, não quis ofender. Até que está bonita hoje.

- Tudo bem. Mária falou a mesma coisa, a propósito. Não sei se devo me preocupar. Mas vou tentar não pensar nisso, afinal, ela é a filha bonita de nós.

- Você sabe que isso não é uma regra, não é? Uma filha nascer bonita não impossibilita o nascimento de outra. Inclusive acho que vou querer duas, espero ter essa sorte no futuro.

Tirei meus olhos da estrada nesse momento e olhei para meu irmão, tranquilo, meio bobo até. Realmente estava tudo bem. Minhas palavras haviam surtido efeito, mais que isso, ele concordara. Depois daquilo, não insisti mais no assunto.

- Ei, no fim das contas, o que a mãe te deu a mais?

- Aqueles pacotes? Não sei. Ela montou na hora, para aproveitar o par extra de braços, hoje. Deixe-me ver.

Estiquei-me na carroça para alcançá-los no fundo, mas com cuidado, lembrando que a única coisa que mamãe tinha mencionado eram os ovos. A curiosidade dele fazia sentido, deveríamos saber o que era a carga, se era algo a se vender. Aproveitando que a estrada estava tranquila, sem muitos buracos ou pedras, abri uma das caixas no colo. Jákob olhou de canto, sem mover a cabeça, mas não conseguiu esconder o desânimo: o pacote guardava uma dúzia dos ovos prometidos, mas também dois grandes tablets de banha de porco. Papai havia matado, no mínimo, mais um. Tentei pensar quando papai teria feito aquilo, sem nenhum de nós ouvirmos. Será que Mária estava junto? Era por isso que estava extremamente carinhosa essa manhã? Talvez não déssemos falta, realmente, mamãe sabia fazer a comida render, mas não poderíamos seguir naquele ritmo. Com sorte a renda de hoje nos manteria por uma semana, a não ser que papai precisasse de mais remédios de novo. Mesmo assim, sabia que Jákob visitaria Csorna mais algumas vezes nos próximos dias.

- Vamos, pelo menos, torcer que a carne tenha ficado conosco.

O silêncio dominou o resto da viagem, e eu não sabia o que dizer para mudar isso.

Quando nos aproximamos do destino, me dei conta que nem sabia para onde estávamos indo quando sugeri acompanhá-lo de manhã. Assim que chegamos na

entrada de Csorna, reconheci a cidade. O lugar pacato já era uma mudança drástica de nossa fazenda. Misturando o contato com a natureza com a urbanização externa a nós, foi uma boa escolha para dar um passo para fora da zona de conforto. As ruas principais eram pavimentadas, mesmo assim ainda se via verde no cenário. A maioria das casas eram construções baixas, algumas coloridas e outras mais simplórias, e nenhuma parecia estar em condições precárias. Parecia ser uma vila pequena, onde todos se conheciam, e os estranhos eram bem-vindos. Naquele lugar, a felicidade parecia tomar conta. Me peguei pensando em como uma distância de pouco mais de trinta minutos poderia trazer tanta diferença entre nós e eles. Se, por algum acaso, nos mudássemos para cá isso traria a estabilidade que há tanto tempo desejávamos?

Essa não fora a cidade que meu irmão visitara ontem, onde houve a tal feira de diversões, mas também estava com algumas decorações. Por mais cotidiano que fosse, era bem bonito. Havia bandeirolas enfeitando as ruas do mercado móvel, como meu irmão gostava de chamar, combinando com algumas construções cujas fachadas coloridas eram convidativas por si só. Mas por mais belo que fosse, não era essa ‘natureza’ morta que dava às ruas um ar alegre; eram as pessoas.

Elas preenchiam as ruas de modo que quase não conseguíamos andar se estivéssemos a pé, mas eu não me importei. Fazia dois anos que não ia para algum lugar assim, eu precisava de outras pessoas, por mais

sufocante que pudesse ser. Naquele momento percebi que estava errada antes. A descrição de meu irmão e minha imaginação não eram suficientes, eu realmente precisava viver aquilo, respirar aquele ar.

Haviam velhos, jovens, casais, bebês, senhoras com cachorrinhos, tudo. Eu quase me esqueci da missão que tinha com meu irmão, meu desejo verdadeiro no momento era parar e conversar com todos que via. Tão concentrada que estava para absorver cada rosto, cada particularidade de toda a sorte de indivíduos, nem percebi quando chegamos no ponto desejado.

Meu irmão me chamando me tirou do devaneio.

Das nove às quatro da tarde daquele dia não houve nada relevante o suficiente para descrever. Nossas vendas foram melhores no resto da manhã, pois sempre haveriam pessoas atrasadas preocupadas com o almoço.

Contei a Jákob que Mária compensaria nossa falta hoje, e ele sugeriu que fôssemos ao teatro. Eu só havia ido antes quando era criança, ainda fazíamos passeios a lazer naquela época. Não lembro mais qual era a história por trás daquelas encenações, só lembro da sensação de admiração vendo aquelas roupas brilhantes flutuando pelo palco. Fiquei extasiada quando ele disse que havia um teatro na cidade, pensando que, embora a experiência fosse diferente da minha infância, poderia voltar a sentir algo similar. A programação daquele fim de tarde

mencionava uma história francesa, parecendo datar do século XVIII; nunca fui boa com essa parte da história, mamãe havia nos ensinado em casa e, embora não expressasse, lembro de sua clara decepção – meu lado forte eram com línguas, e poucas coisas mais. Mesmo assim, estava animada.

Passamos por um gazebo a caminho do teatro, e aquela simples visão despertou em mim diversas experiências não sonhadas com o que poderia ser um amor. Ultimamente via-me pensando muito nisso, com sentimentos conflitantes. Não sabia se era algo que vinha a todos quando fazíamos vinte e um anos, ou se eu só estava sentindo-me sozinha demais, mesmo acompanhada de quatro pessoas em casa. Depois de minha conversa com Jákob na noite anterior eu também saíra com uma dúvida plantada. Se fosse o caso de, por sorte, achar alguém para mim, como ficariam nossos pais? No evento de todos nós começarmos nossa família, eu sairia de casa, nossa irmã também, e Jákob traria uma esposa que talvez custasse muito a se adaptar a nossa rotina. Com mais ou menos pessoas em nossa residência, viriam problemas. Por isso, me dei conta, eu inconscientemente espantava os sentimentos de solidão. Eu já tinha tudo que poderia precisar, por pior que estivéssemos.

A chegada ao teatro apagou qualquer pensamento enevoado que pudesse ter. O sol ensaiava descer do céu, e as luzes artificiais da sua fachada era capaz de hipnotizar qualquer um. Meu irmão cuidou de comprar

ingressos para nós, permitindo que eu ficasse absorta naquele raro esplendor cotidiano. Ele teve que me conduzir pelo braço, e entramos. Devíamos ser uns dos últimos, pois já estava quase lotado, mas por sorte a peça ainda não havia começado. Subimos o que parecia ser uma eternidade de escadas, e novamente tentei absorver tudo que meus olhos podiam alcançar. A maioria das pessoas estava bem vestida, por um momento agradei que nossos assentos ficavam no fundo.

Por não estar olhando para o caminho, esbarrei num homem troncudo. Ele já estava no seu assento, aquilo fora completamente minha culpa, e fiquei vermelha enquanto pensava em como me desculpar. Vi então que ele não estava sozinho. Ao seu lado havia uma madame que parecia entorpecida já, mas, observando-a com curiosidade, notei que não havia anel em seu dedo. Não sei que expressão eu portei naquele momento, mas meu silêncio envergonhado fez com que Jákob percebesse que algo me parara, e, logo entendendo, ele pediu desculpas em meu lugar, já me puxando dali com receio de qualquer tipo de reação. O homem respondeu algo calmo com sotaque forte, não consegui compreender, e depois ouvi nos desejar um bom espetáculo, em um alemão extremamente rústico.

- Aquela mulher...

- Não é da sua conta. Mina, aprecio muito sua companhia, você sabe, mas vai ser difícil se toda vez que

me acompanhar se distrair com qualquer coisa, tropeçar em qualquer pedra.

- É, você está certo.

- Consegue ver bem, daqui? Dos lugares que sobraram, esses eram os únicos que dava pra pagar.

- Está perfeito, irmão.

Esqueci completamente daqueles dois durante as horas de espetáculo.

Este era um enredo complexo. Julguei pelos pôsteres que seria alguma história de amor, com uma reviravolta ou outra, mas o que assistimos foi perda e guerra. Mesmo assim, algumas senhoras já estavam debulhando-se antes da metade. O personagem narrador da peça era o mais inusitado: um simples trabalhador ambulante, contrastante com o tema monárquico que definia a história. Apesar da narrativa retratar a vida dos soberanos, víamos através daquele que o que os grandes personagens prometiam não era o que a população recebia, levando ao clímax do enredo onde os monarcas – sem a possibilidade de serem vistos como vítimas por causa de nosso narrador – eram atacados em seu palácio pela grande maioria que era formada pela plebe. Quando acabou, depois de um fechamento poético de nosso narrador, fiquei sem saber se o que assistimos retratava algo que realmente aconteceu em algum momento da história ou se aquilo era a criação original de algum autor pouco conhecido. E, se fosse esse o caso, qual a moral

da história? Já estava planejando que, em alguma visita futura com meu irmão, visitaria alguma biblioteca para ver se conseguiria descobrir.

Fomos uns dos primeiros a começar a se mover para sair, Jákob estava preocupado com o horário que chegaríamos em casa, pois a peça durara mais do que prevíamos. No caminho para a saída, esbarrei em alguém, e teria caído se não fosse por meu irmão. Novamente virei-me para pedir desculpas quando notei que havia tropeçado sobre o pé de alguém ainda sentado em seu assento. Era a mulher trôpega, agora sozinha, sem um rastro do homem italiano por perto.

Fiquei dividida entre acordá-la para informar que a peça tinha acabado e perguntar se estava bem, e deixá-la ali já que, aparentemente, não sentira nada. Nós não éramos faces conhecidas na região, meu irmão mesmo quando viajava sozinho não costumava repetir lugares tão rapidamente, mesmo assim temi que pudesse trazer incômodos para nós caso descobrisse, então fui animá-la. Esgueirei-me junto de seu assento e sinalizei Jákob para deixarmos as outras pessoas seguirem o rumo de saída, e chamei-a suavemente para tentar acordá-la. Meu irmão estava visivelmente incomodado com mais um desvio meu e com a possibilidade de atraso, mas como também sabia que aquilo era o certo, nada falou.

- Senhora? Madame? - tentei novamente. Nada.

Olhei assustada para ele, que logo entendeu minha preocupação. Ajoelhando-se ao meu lado, foi sua vez de

tentar, também sem produzir resultado algum. As pessoas à nossa volta avançavam cuidando de suas vidas, sem dar atenção à cena estranha que era composta por nós três. Foi só quando eu soltei um grito abafado ao ver sangue na pele da mulher que os outros espectadores pareceram notar nossa presença.

Em segundos a comoção começou. Os dois terços do público que ainda não tinha saído agora se movimentavam num desespero, como se todo o teatro estivesse em chamas. Ouvíamos gritos femininos, ordens em berros masculinos, e eu só conseguia encarar o rosto daquela madame. A primeira morte humana que vi na minha vida.

Meu irmão teve a mesma reação aterrorizada, mas teve mais força de vontade para quebrar o choque inicial e nos tirar dali. Alguns guardas já chegavam, atraídos pela balbúrdia, e também paravam num susto ao entender. Embora fossem a figura mais próxima da lei que tínhamos ali, morte não era ocorrência comum num teatro.

Conseguimos sair, nos espremendo contra as pessoas em caos. Por um momento havia perdido Jákob de vista, mas nos encontramos novamente na área externa. Ali fora, o sentimento das pessoas fluía de puro pavor para irritação. Muitos queriam ir embora, fugir dali, impedidos pelos outros sentinelas que já esperavam na fachada para esse propósito. Fomos detidos na calçada como um bando de ovelhas levadas por um pastor, e um dos guardas, o único de uniforme preto, nos informou que

deveríamos todos esperar a polícia chegar, não importasse o tempo que isso poderia levar. Só iríamos poder voltar para casa depois de um pequeno interrogatório inicial - se o assassino estivesse entre nós, não poderiam deixá-lo escapar.

Sentados no meio-fio, meu irmão abraçava-me para não arrefecermos com o vento frio que vinha com o início da noite, mas mesmo nesse gesto fraternal de cuidado eu conseguia saber seus pensamentos. Ele estava irado comigo. Se eu não tivesse parado para falar com ela, outra pessoa teria descoberto o corpo, e nós poderíamos estar na metade do caminho para casa agora. Mesmo assim, ele sabia que era injusto. Faria o mesmo em meu lugar, e não era culpa de nenhum de nós que fomos detidos. Com sorte poderíamos ser interrogados logo e voltar para casa em segurança sem mais delongas.

Uma dúvida permanecia em minha mente, e permitia-me preocupar com ela por saber que seria um quesito trazido pelos policiais: onde estava o italiano.

Capítulo 2

Só conseguimos ser liberados perto das duas da manhã, e não sabia com que energia encararia nossos pais. A viagem de volta fora silenciosa, nenhum de nós tinha nada a dizer, apenas o desejo de nossas camas e sossego. Chegando em casa, vimos papai sentado na soleira da porta, dormindo com a cabeça apoiada em uma das vigas da entrada. Meu coração partiu com aquela visão.

Jákob saltou da carroça e nem soltou nossas mulas, foi direto até ele, para acordá-lo e tranquilizá-lo. Vi papai abraçá-lo desesperadamente, e me procurar com o olhar.

- Pai, chegamos. Nos desculpe, por favor, por favor
- dizia, mais por própria decepção do que por qualquer sentimento dele.

Ele amparou Gábor e ouvi eles conversarem até as vozes virarem murmúrios indistintos casa adentro. Deixei que ele explicasse tudo e fui guardar os animais. Quando entrei, pela primeira vez naquela noite, vi todos os quatro na mesa de jantar, Jákob contando aos ouvintes silenciosos. Mãe sinalizou para que eu sentasse entre ela e o pai, sem interromper a narração, e abraçou-me.

Quando ele terminou, mamãe e Mária ficaram em silêncio, sem saber se deveriam dizer algo para tirar o peso daquele dia. Papai esfregou o rosto cansado com as

mãos e, depois de um longo suspiro, tentou estranhamente voltar ao nosso normal.

- Imagino que vocês não jantaram, não é? – ele perguntou, eternamente preocupado. Já estava se levantando para aquecer a sopa da mamãe, mas Jákob não deixou.

- Eu esquento, não faça esforço. Já me sinto mal por fazer você nos esperar acordado, lá fora. A propósito, como está a dor hoje? Não trabalhou demais?

Tinham momentos em que meu irmão era natural demais para ignorar o anormal. Entrou nessa realidade com nosso pai, de que estava tudo bem, como se vestisse um par de luvas.

- Tolerável. Sua irmã hoje cuidou de bastantes coisas por nós.

Mária sorriu, confirmando.

- Mas, querido - retomou, num estalo de lucidez -, vamos combinar uma coisa. Sempre que for sair, nos avise para onde vai. Confiamos em você com nossa vida, você sabe, mas imagine o desespero de sua mãe quando já faziam horas que havia escurecido e não sabíamos nem onde ir para procurar vocês dois.

- E imagine, logo no único dia que sua irmã lhe acompanhou. Parece que Fortuna não anda conosco. Não sabe como nosso coração ficaria caso acontecesse algo com vocês.

- Mãe, calma. Eu sei que foi difícil, mas Jákob não precisa ouvir isso agora. Se alguém tem culpa de algo, sou eu, que insisti em falar com a madame. Só não queria problemas para nós.

- Bem... Fico feliz que, por pior que seja a situação, vocês saíram ilesos. Comam e vão dormir, amanhã vai ser longo. Ah, diga-me, Mina, você se lembra de Béla, seu primo?

- Béla? O bochechudo?

- Não fale assim. Tenho certeza que se tornou um rapaz adorável. Enfim, enquanto vocês estavam fora recebemos a notícia que daqui a três dias ele vem nos visitar!

- Três? Só? - Jákob quase deixou uma cumbuca de sopa quente cair ao ouvir isso, mas estabilizou-se e me serviu primeiro. – Como ele espera que seja recebido?

- Ora, querido, não fale assim de família. Vamos dar nosso melhor, assim como gostaríamos de receber caso nós fôssemos os convidados.

- Normalmente concordaria com você, mas não sei, mãe, se eles se importassem tanto assim com a gente acho que fariam contato antes. Antes que você diga qualquer coisa, vou, sim, esperar para ver. Dar um voto de confiança.

Tanto ela quanto papai deram um sorriso meio triste, e mamãe sinalizou a Mária para que ajudasse a levar o pai para o quarto.

- Boa noite, queridos. Quando terminarem, deixem tudo arrumado, por favor.

Tomamos aquele caldo aguado em silêncio, até porque realmente estávamos com fome. O dia tinha sido extremamente longo, e nenhum de nós poderia ter previsto o fechamento dele.

- Ei... como você está?

- Irritado com o primo. A gente não precisava disso agora.

- Não, não. Quero dizer, em relação a hoje. Mamãe e papai ficaram tão preocupados em nos ter de volta em casa que não fizeram essa pergunta.

- Ah. Eu... não sei. Acho que estava mais com medo do assassino ainda estar perto do que pena dela ou qualquer coisa. O sentimento me dominou por completo, sabe? E você? Afinal, foi você quem viu primeiro.

- Não sei o que pensar ainda. Falei para a polícia que ela estava acompanhada antes, e lembro do rosto daquele homem ter ficado marcado na mente, pois no primeiro encontro com eles eu fiquei completamente envergonhada, você viu. Mas depois eu não conseguia mais dizer qual a cor do olho dele, qual o formato do nariz.

Tenho medo dos policiais acharem que eu tivesse inventado aquilo, eu realmente não sei explicar.

- Não se preocupe com isso, eles devem saber bem como essas coisas funcionam, o que acontecem com quem passa por isso. Vamos dormir agora, já está tarde demais. Temos trabalho extra nesses três dias, também. Você lava nossa louça? Vou trancar nossas janelas.

- Lavo sim. Mas, Jákob... A gente está seguro.

- A gente não sabe.

Durante aqueles dias até a chegada do nosso primo nós levantamos antes do sol e íamos dormir logo depois de jantar. Era incessante, mas nada que não já estivéssemos acostumados. Mária seguiu esforçando-se como no dia que saímos, e Jákob trabalhava de cara fechada, embora o trabalho em si não fosse o problema. Perto de nós ele era aquele menino despreocupado, mas quando estava sozinho eu via o quão apreensivo estava. Eu não sabia o que sentir. Estava feliz pela visita, mesmo que fosse do nosso parente mais bobo. Com isso, não deixava de me preocupar conosco. Ainda não havia perguntado para mamãe quanto tempo ele ficaria, se seria caso de visita de uma tarde ou de uma semana. Independentemente do resultado, teríamos que abrir mão do pouco que tínhamos, e isso ficara mais raso ainda depois das últimas vendas. Percebi que estava agindo como meu irmão naquela noite em que conversamos

sobre sua futura e hipotética família, dizendo que o casamento traria mais prejuízo, e me contive. Decidi que aproveitaria a presença do Béla enquanto estivesse aqui, e depois daríamos um jeito, como sempre dávamos.

Béla sempre foi um menino meio estranho. Seus pais tinham um estado financeiro melhor que o nosso, mesmo não sendo ricos. De algum modo ele conseguia sempre ser um pouco mais atrasado do que nós, sempre prestando atenção nas coisas erradas. Não era a primeira vez que nos visitava, antes costumando estar acompanhado de mais parentes, e nas ocasiões que ficava para dormir nos revezávamos entre os dois quartos de nós três. Dizíamos que era pra ele experimentar a hospitalidade da casa toda, mas na verdade nem Mária em toda sua bondade queria acolher ele por muito tempo, mesmo que não admitisse. Quando ele ficava longe de seus pais costumava ser mais divertido; brincávamos no mato, tentávamos pescar, ele pedia para ver os animais da fazenda e sempre os chamava pelo nome errado. Meio roliço, com olhos gigantes e cabelo loiro quase sempre emaranhado, era quase uma caricatura do clássico menino atrapalhado. Mesmo assim, tinha seu lado bom.

Eu não tinha expectativas que ele tivesse mudado muito, se fosse o caso de acontecer seria uma boa surpresa. Mária expressou esse desejo, e era nesses momentos que via seu real sentimento. Jákob ainda estava silencioso, mas eu acreditava que isso mudaria assim que nosso primo chegasse. Mamãe estava feliz, já organizando antecipadamente o que podia. Ela gostava

de receber visitas, e eu gostava de vê-la desse jeito. Eu não tinha coragem de falar qualquer coisa negativa até que ele fosse embora, e se Jákob ficasse preocupado demais eu tentaria aquietá-lo. Já nosso pai, tranquilo, passava o tempo livre que sua coluna forçava a ter imaginando que rumo Béla teria tomado desde a última vez que nos vimos, e qual tomaria a partir de agora. Às vezes eu pegava mamãe ironicamente censurando-o, para que não se desapontasse caso as escolhas dele não tivessem sido compatíveis com sua idealização. Em momentos bobos como esse eles pareciam um casal, ao mesmo tempo jovens e com seus mais de vinte anos juntos nas costas.

Algumas manhãs afrente a casa estava em caos. Todos estavam trabalhando no mesmo ritmo que eu havia tido no dia em que quis sair com meu irmão. Acordei no horário de sempre, porém me sentindo atrasada.

Era uma manhã fria, o outono se apropriava daqueles meses e ninguém podia negar sua identidade. Peguei um cardigã, e embora estivesse extremamente bagunçada depois de uma noite de sono inquieto, saí na pressa que só aqueles que estão cientes do que o dia carrega são capazes de ter.

Fui descer para a cozinha para preparar o café caso ninguém ainda o tivesse feito, mas antes que pudesse chegar nas escadas alguém me puxou.

- Irmã, ele já chegou!

Era Mária, tirando-me do corredor. Ela estava em um estranho meio caminho entre arrumada e de pijamas, mas mesmo que estivesse só com as roupas de dormir não seria uma visão ofensiva.

- O quê?

- Béla. Ele chegou ainda de manhã! Jákob está irado, papai e mamãe não pararam desde então.

- Oh, céus. Só posso imaginar. Já vou descer então, você vem?

- Daqui a pouco, estou terminando de arrumar meu quarto para dividir hoje.

Nisso percebi o leve desgosto que ela tão bem escondia, sem maldade.

- Certo. Amanhã ele dorme com a gente, vamos revezar.

Normalmente ela diria que 'não precisava' se bem a conheço, mas nessa situação só me respondeu com um sorriso levado.

Antes de mais nada eu queria saber o que todos acharam dele, depois da primeira impressão da visita atual, porém não poderia fazer isso com ele perto, obviamente. Béla era uma daquelas pessoas que você tem que se preparar para ter contato, mesmo que ele não fosse intencionalmente desagradável. Eu sabia que Jákob

estava bravo com a situação, no máximo com suas escolhas, não diretamente com Béla. Mamãe e papai eram uma incógnita, pois eu sabia que, depois de celebrar, eles reclamariam quase de um jeito cômico. Eles sempre pareciam mais velhos do que realmente eram, então eu tentava pegar leve. Ainda assim, formavam um casal extremamente peculiar.

Tomei coragem para finalmente descer e encarar a novidade, por mais estranhamente desagradável que fosse – e não podia esconder de mim mesma que sentia isso.

- Mina, querida – disse meu pai assim que pisei no último degrau. Ele estava recém chegando também, trazendo no ombro a carcaça já limpa de um grande animal. Não parecia ser um dos nossos, ele deve ter acordado mais cedo para caçar. Era um ofício pesado, mas relativamente tranquilo, e ele fazia de bom grado. Era um dos poucos que sua coluna permitia, então ninguém encrencava com ele, não queríamos tirar mais isso de sua rotina. – Por que não vai pegar mais água limpa para nós? Se seu primo manteve os modos da família, vai ser asseado demais.

- Claro. Levo a bicicleta?

- Sim, sim. Deixe-a ocupar-se com a carga, não há motivos para o contrário.

Fiquei feliz. Não me importava com a maioria dos deveres, mas esse eu realmente gostava. Sentir o vento

no rosto enquanto andava com ela era uma das minhas sensações favoritas – logo depois de provar a torta de morangos da mamãe.

Dei um beijo na bochecha dele e fui pegar meu avental para sair, quando fui novamente interrompida.

- Filha! – dessa vez era a voz rouca de minha mãe.
– Venha ver seu primo!

Respirei fundo e, pensando na vez que ele fora atropelado por um porco em uma visita de infância, formei um sorriso, e me esforcei para mantê-lo. Ela apareceu vinda da nossa sala de estar, com a figura dele aparecendo logo depois. Senti o olhar de censura dela ao ver como eu estava vestida, e vi seu processo interno de se lembrar que ele pegara a todos de modo desprevenido. Eu fiquei feliz que não havia criado expectativas de mudança, pois ele estava quase igual à sua imagem infantil, apenas mais alto. Continuava com aqueles olhos gigantes que pareciam refletir uma curiosidade vazia. Continuava meio rechonchudo na cintura, com braços finos contrastantes. Continuava tendo bochechas enormes e um nariz diminuto que em nada contribuía ao aspecto geral. Ora, eu me deixei levar. Pode parecer que nunca gostei dele, mas naquela época, para mim, parecia que gostar de Ketszy Béla era um esforço hercúleo.

- Oi, Hermina. Faz tempo, não é?

Ele continuava sendo um dos únicos que me chamava pelo primeiro nome completo. Eu não queria

expressar essa insatisfação aos meus pais que escolheram um nome que gostavam, mas não havia nada de romântico em 'Hermina'. O apelido ajudava, mesmo assim não resolvia meu desprazer. Algumas vezes eu havia dito a ele minha preferência, e desisti depois de Béla dizer pela quinta vez que entendia e após isso seguir usando-o.

- Bastante, bastante. – Concluí a frase apenas em pensamento, pois sabia que mamãe, por mais pacífica que fosse, brigaria comigo no instante que ficássemos sozinhas. Às vezes dava vontade de ser criança só por mais algum tempo.

Nenhum de nós sabia lidar com aquele silêncio esquisito, e, ao perceber, mamãe interviu;

- Então? Por que não serve algo a ele, Mina? Você já tomou café?

Com isso entendi que ele realmente recém havia chegado, e não entendi sua pressa com o horário inconveniente.

- Tomei, sim, senão não teria aguentado a estrada – terminou a frase rindo de um jeito anasalado.

Era isso que, mesmo inconscientemente, incomodava todos nós. Ele não era uma pessoa ruim, as coisas negativas a seu respeito não eram sua culpa, e, se era assim que as coisas funcionavam, não merecia que não gostassem dele. Mesmo assim, ele era

simplesmente, naturalmente, insuportável. E, por ser família, não podíamos evitá-lo.

- Mãe, eu... eu estou ocupada. Papai pediu que eu fosse pegar mais água, já queria estar no caminho.

- Deixa que eu vou junto! Vai ser bom esticar as pernas agora de manhã.

Me contive. Isso era tudo que eu não queria. Depois de tanta pressa nos últimos dias, estava ansiando pela liberdade temporária que vinha com essa tarefa. Nós não costumávamos ter muito tempo sozinhos, e, além disso, eu amava andar de bicicleta, mesmo com a carga.

- Ótima ideia! – respondeu mamãe, provando que não lia pensamentos.

- E então, caiu da cama hoje, prima? - perguntou, enquanto saíamos da casa.

Quando eu era criança talvez pudesse ter escapado de dar um sopapo nele, hoje em dia não mais.

- É. Você chegou um pouco antes do previsto, sabe.

- Sim, é verdade. Eu estava me programando para chegar na metade da tarde, mas achei que seria legal fazer uma surpresa. - Eram falas como essa que me faziam acreditar que seu jeito bobo não era intencional. Tudo que ele fazia acreditava ser o certo. Nunca consegui

saber se isso vinha da criação de um filho único, ou se ele havia apenas nascido desse jeito.

- Olha só, Béla. Quando faço isso costumo ir sozinha, de bicicleta para levar a carga.

- Ah, eu posso carregar o peso da volta, para não cansar você.

- Fazemos assim, então. É bom que você se acostume com isso no tempo que ficar, sei que mamãe vai querer te mimar, mas sempre estamos com as mãos cheias. Afinal, quanto tempo vai ficar?

- Quanto tempo? Uns três, quatro dias. Tenho uma novidade para contar a vocês, conto só na janta.

Repeti mentalmente aquelas palavras, e para que não repetisse verbalmente precisei me esforçar. Não queria ver a reação de Jákob quando soubesse, mas tenho quase certeza que eu estaria do lado dele. Dei a ele dois grandes baldes de madeira e peguei outro. Se ele ia me acompanhar, que fosse logo.

A distância até nosso poço era pequena, e eu sempre desejava que fosse maior - dessa vez, porém, agradecia.

- Então. Como anda a vida? - perguntei, e logo vi o quão forçado soara. Ele não pareceu notar.

- Ah, como sempre. Não estava indo muito bem nos estudos. Por mim eu desistia, mas mamãe e papai não deixam, insistem que é isso que forma um homem direito.

- Tente mais um pouco, eles têm uma lógica.

- Você também não entende.

- O quê?

- Deixa pra lá.

- Béla, me conte. Por que motivo você veio senão para conversar?

Ele deu um sorriso cansado, e naquele momento meu primo pareceu extremamente real.

- É que... tem vezes que sinto que estive "tentando mais um pouco" a vida toda. E nunca chegando em lugar algum, nunca conquistando nada, sabe?

Sua fala me atingiu como um murro repentino. Nunca imaginaria que meu primo e eu tínhamos muito em comum.

- Sei. Sei bem.

- Obrigado por ouvir. Acho que logo vai passar, tenho bons planos para o futuro.

- Tem a ver com a novidade que quer contar mais tarde?

- Tem, sim! Você sempre foi perspicaz, não é? E você, Hermina, como vai?

la dizer, automaticamente, que estava tudo bem, nada demais acontecia aqui, e normalmente isso seria o caso. Em vez disso, os acontecimentos de dias atrás

vieram em uma enxurrada, e pareceu que só naquele momento senti o peso de ter testemunhado uma morte. Ele notou que eu havia demorado para responder.

- Está difícil aqui? Você me ouviu, posso ouvir você também.

- Obrigada, Béla. Não se preocupe, não é nada demais. Tive algumas novidades, sim, mas nada que valha a pena compartilhar.

- Certo. Vou confiar, hein?

E com essas últimas palavras de humor forçado, o feitiço que tornava meu primo normal se quebrou.

Finalmente havíamos chegado; o que antes parecia rápido demais hoje durara uma eternidade. Eu prendi cada balde e ele se ofereceu para puxar a polia. Estava estranhamente prestativo, e chutava que isso, também, teria algo a ver com o que ele queria compartilhar conosco. Minha suspeita era de que estava interessado em alguma moça, e talvez quisesse nossa opinião. Não seria fora de sua personalidade criar um alvoroço em torno de algo para no fim dizer algo como “estou apaixonado!”. Mesmo assim, era difícil imaginá-lo casado, então novamente tentei não criar expectativas e me deixar levar.

- Estou com uma sensação estranha.

- Ah, é? – não conseguia pensar em qualquer coisa que pudesse incomodá-lo.

- Quantas famílias moram aqui, mesmo?

- Não muitas, no máximo mais umas quinze, mas todas moram longe de si. Por quê?

- Sabe quando sente algo na sua nuca, só que não é um sentimento exatamente físico? Parece que estão nos olhando, que tem mais gente por perto.

- Não deve ser nada, primo. A fazenda é velha, no máximo são fantasmas.

- Ei, ei, não brinque com essas coisas! A não ser que... Está falando sério?

- Não se preocupe, Béla. Aqui é seguro, isolado. - Queria ao mesmo tempo tranquilizá-lo e tirar sarro de sua cara, em nome dos velhos tempos.

Quando ele puxou o último balde, fiz um formato côncavo com as mãos e bebi um pouco da água. Havia saído de casa às pressas, sem nem tomar um copo de leite.

- Quer um pouco? Podemos encher de novo antes de voltar.

- Uh, não, obrigada. Você sabe que não é bom tomar antes de ferver, não é? Não consigo contar em uma mão a quantidade de doenças que devem ter nesses mililitros.

Revirei os olhos. Estava pronta pra dizer que fazia isso quase toda vez que vinha buscar água, mas não tinha

vontade de discutir com ele. Se foi criado para ter nojo de tudo, não seria eu quem mudaria isso.

Um barulho à distância, nas árvores, fez com que nós dois nos virássemos ao mesmo tempo para prestar atenção. Em qualquer outro momento eu teria julgado que eram os animais silvestres que viviam ali, ou até mesmo o vento arrastando um galho ou folhas secas. Somando isso ao comentário anterior de meu primo, agora era eu quem estava assustada. O medo irracional daquele homem cujo rosto eu não lembrava mais me assolou, e fiquei imóvel. Béla tentou ficar atento a tudo ao mesmo tempo, e, conhecendo-o, sabia que não daria muito certo. Só despertei daquele susto inerte quando senti algo na pele; chuva. Enquanto tentávamos combater o medo, uma pequena criaturinha apareceu através dos arbustos baixos. Um dos filhotes de ovelha racka cambaleou até nós, desabando a alguns pés de distância. Era minúsculo, os chifres mal tinham começado a crescer, e no pelo rebelde, antes alvo, vimos uma enorme mancha vermelha. Atrás de mim ouvi a respiração de meu primo saltar.

Eu e ele pensamos na mesma coisa e, sem trocar palavra, ele saiu em disparada.

- Não corre! – falei, sabendo que de nada serviria. Em instantes, eu estava sozinha com o pequeno corpo.

Quis enterrá-la, parecia o certo, mas quanto significava um ritual desses para um ser de vida tão simples? O quanto isso era uma imposição de seus

donos, o quanto realmente conheceria? Não precisei divagar muito para ver que, na verdade, o certo seria deixar que a Natureza a reclamasse novamente. Esforçando-me para apagar a imagem do filhote, tentei alcançar meu primo.

Eu demorei para me dar conta, mas naquela manhã o céu estava praticamente limpo. A chuva começara devagar, apenas salpicando a terra com seu brilho, e aos poucos se tornou cada vez mais pesada. Era como se algo sobrenatural a comandasse até ali, mas não queria soar como Ketszy. Novamente aquele estranho medo tomou conta de mim, pensando que, se realmente estivéssemos acompanhados, o temporal abafaria o som dos passos de qualquer perseguidor imaginado – a ovelha certamente fora vítima de um animal, não? Em um apreço incomum, fiquei feliz que meu primo estava por perto. Nos raros casos criminais que chegavam aos nossos ouvidos ou olhos, a vítima quase sempre estava sozinha – quase como era o caso daquela mulher no teatro, cuja única companhia, muito provavelmente, era quem havia tirado sua vida.

Não tardei a encontrá-lo novamente, e em silêncio apertamos o passo numa rapidez regular. Não o repreenderia, mas notei que os baldes que havíamos enchido estavam já quase vazios por conta de sua pressa. Meu cabelo já estava completamente encharcado, e a umidade começava a descer para as roupas. Já sabia o que mamãe iria dizer a mim e a Béla: algum repreendimento que ocultava sua preocupação. E foi

exatamente isso que aconteceu. Tal qual nosso pai no dia em que eu e Jákob voltamos tarde, ela nos aguardava na soleira, com uma xícara fumegante em cada mão. Não precisei esperar para saber que o que acontecera ficaria apenas entre nós dois.

- Para dentro, vocês dois, já! Béla, meu Deus, o que sua mãe vai dizer quando souber que se gripou nas primeiras horas depois da chegada?

- Não se preocupe, dona Adela, eu não vou contar.

- Tome, menino, troque de roupa e aqueça-se. E você, Mina? Quer tomar um banho depois de seu primo?

- Não precisa, mãe. Vou só trocar de roupa, vai ser suficiente. E antes que você diga qualquer coisa, a gente voltou assim que começou a pingar, mas o temporal veio muito rápido.

- Eu vi. Quando saí da casa cedinho para ir ver o chiqueiro não havia uma nuvem no céu. Acho que o almoço vai atrasar, Jákob ia me ajudar e foi guardar os animais no celeiro, eles estavam rebeldes também. Béla, querido, porque não aproveita o tempo extra e já vai se cuidar? Vou preparar a banheira para você.

Fui direto para cima, aproveitando que Jákob estava fora para trocar as roupas no quarto, mesmo. Deixei minha xícara na cabeceira, mas antes de fechar a porta, quase ocultado pelas rajadas incessantes da chuva no nosso telhado, ouvi um som estranho. Choro.

Segui o som, que me levou até o distante quarto da minha irmã, e ali a encontrei, abraçada no travesseiro.

- Meu bem, o que foi? O que te aflige? – perguntei, ajoelhando-me ao seu lado.

Em meio às lágrimas ela conseguiu dizer:

- Estou com pena da mamãe, Mina. O corpo dela é o de alguém mais velho do que sua idade, então nunca sei quanto esforço é demais para ela. Ela só queria receber bem nosso primo, e está tudo dando errado.

- Irmã... tem coisas que a gente não consegue controlar, mas isso não sobrepõe tudo que vamos passar. Se a chuva derrubar nossa energia, o jantar de hoje será à luz de velas, e depois de comer contaremos histórias assustadoras para nos entreter. Nosso primo nos fez uma surpresa chegando mais cedo, então vai nos ajudar em cada tarefa, aliviando nosso trabalho. Eu também sinto pena da mamãe, sei que esse é o divertimento dela, mas tudo não está estragado, querida. O que define se “está tudo dando errado” ou não é o que fazemos com as situações que temos.

Dei-me a liberdade de sentar na cama com ela e botar sua cabeça em meu colo. Nesse momento senti que nossos papéis estavam certos; eu, a irmã do meio, mais velha que ela, a consolava, cuidava dela como deveria ser. E era apazível saber que funcionava. Sua respiração acalmou, e as únicas lágrimas que haviam em seu rosto eram as anteriores.

- Eu não tinha pensado dessa forma. Acho que vamos nos divertir, mesmo.

- Sim, querida, vamos sim. Ei, tive uma ideia. Já que hoje é Jákob quem vai ajudar com o almoço, por que não deixa que eu cuide de você mais um pouco? Como você fez a mim no outro dia? Só vou me enxugar depois de toda essa chuva, e depois podemos aproveitar esse tempo, só pra gente. O que você acha?

- Eu ia gostar. Obrigada, Mina.

Só fomos almoçar perto das duas da tarde, e fiquei feliz de conseguir aproveitar esse tempo com a minha irmã. Nossos pais, por melhor que fossem suas intenções, viam-na como aquela menina perfeita que, em sua perfeição, não é capaz também de sentir tristeza. Com isso eu não queria ocupar o lugar de nossa mãe, queria apenas dar a ela a atenção que merecia.

Contei a ela sobre nossa ida ao poço, rindo juntas quando cheguei na parte em que Béla estava com repulsa da água de lá. Ocultei a pequena ovelha, pois ela não precisava compartilhar do nosso medo.

O almoço daquele dia fez minha irmã quase rir de felicidade: javali assado com cenouras e calda de mel. Deve ter sido esse o animal que nosso pai trouxera no início do dia. Javali era um dos animais que podíamos caçar o ano todo, mas por conta de seu tamanho só costumava ser nosso alvo quando íamos em duplas. As

cenouras eram nossas, e o mel deve ter vindo de alguma troca que Jákob às vezes fazia nos dias de mercado. Havia sido um bom uso de nossos recursos, em um resultado delicioso. Como havia prometido à minha irmã, ainda poderíamos ser felizes em uma situação difícil.

Durante a tarde foi a vez da "guarda" de Béla ser passada ao nosso irmão. Ele tinha se oferecido, mesmo, para tentar espantar o desgosto que antes tomara conta livremente. Jákob era extremamente sentimental, mesmo que expressasse mais em gestos que palavras, e eu já sabia, antes, que aquele sentimento não duraria muito. Porém, a coisa mais marcante daquele dia não fora o almoço feito por mamãe e nosso irmão nem o momento que ele passou com Béla. Foi a conversa da janta.

Estávamos todos à mesa, uma visão rara nos últimos dias, considerando que nesse tempo estávamos tão atarefados que cada um comia quando podia. A chuva, agora mais amena apesar de incessante, havia realmente levado embora nossa energia, então havíamos espalhado algumas velas pela mesa e em torno da cozinha. A refeição da noite eram as sobras de mais cedo, e nem Béla se importou, pois ainda estavam infinitamente deliciosas.

- Béla - comecei, sentindo que, avoadado como era, poderia se esquecer do que tanto queria nos contar –, não tinha uma novidade para a gente?

- Puxa, é verdade! – ele se limpou com o guardanapo antes de continuar, fazendo uma rápida

pausa para engolir. - Estou indo para o exército - disse, com um sorriso inocente no rosto –, há rumores de uma guerra no futuro próximo.

Todos, até Mária que nada conhecia disso, ficaram em silêncio.